

# DESPEDIDA

RUBEM BRAGA

**N**ÃO é assim que embarcam os poderosos do mundo; jamais é assim. Eles poderão contratar bandas de música e alugar artistas e receber flores e discursos e milhares de abraços e vivas; mas nenhum prestígio, nenhuma força, nenhuma glória arrumará para eles a despedida que teve o ex-ferroviário, ex-vendedor de livros, ex-pequeno funcionário e sempre e cada vez mais pintor Clóvis Graciano nessa noite de sexta-feira, no armazem 2.

Vai Clóvis com prêmio de viagem e leva sua Aparecida e seus dois moleques, Paulo Sérgio e Zé Roberto. Lá estavam os quatro, no conves da terceira classe do "Desirade". E cá embaixo, no cais, nós éramos poucos, dez ou doze pessoas apenas — gente de jornal, de rádio, pintores, cantores, amigos. Mas Dorival Caymmi comandou um coro do "Zum-Zum", "coreto" de Diamantina; e quando êle terminou, Araci de Almeida estendeu um braço e cantou "Não me diga adeus". Todos os passageiros de primeira e terceira classes, amontoaram-se em silêncio para ouvir aquela voz que chorava na noite. Os trabalhadores vieram ao longo do cais, se juntando; um velho tirou o chapéu com um estranho respeito.

A escada tinha sido erguida, a âncora suspensa, os cabos soltos; mas o navio parecia não querer sair, como se a amarra daquela voz triste não o deixasse partir para o mar raivoso da noite de sudoeste.

A voz calou-se. Olhamos ainda uma vez o homem

alto de óculos, a pequenina mulher loura, os dois meninos que jamais esquecerão essa noite. Um operário pediu licença para apertar a mão de Araci...

Não foi apenas o amor pela sua pintura que fez juntar no cais aquêle monte de pessoas, nem levou à sobreloja do clubinho, no Instituto dos Arquitetos, na despedida em São Paulo, gente tão vária, artistas de calças rotas, bêbados desconhecidos, senhoras de chapéus cheios de flores, estudantes, poetas, comediantes, os inimigos políticos mais ferozes.

Na verdade, a pintura de Graciano não pode contar a força e o valor inteiros dêsse homem, nem explicar êsse misterioso e especialíssimo fascínio que êle exerce sobre homens de tôda espécie e sobre as mulheres — algumas, das mais lindas já acontecidas no Brasil, adorando êsse quarentão pobre, feio, calado e triste com um respeito quase místico.

Afligia-nos um pouco vê-lo partir, com sua gente, na noite ruim de mar tão feio, para uma longa viagem até uma triste Dakar e depois uma França que talvez não entenda êsse soturno filho da roça paulista.

Nós, o recomendamos a Cicero, a Roberto Assunção, a José Augusto e ao capitão Rocha, a Jaime de Barros, a um frio Mr. Braque, gerente de hotel. Ele tem lá alguns amigos e amigas que o ensinarão a fazer baldeação no "metro" a comer "gigot roti" no "bistrô" mais em conta. Nós o recomendamos a um Paulo Carneiro, a um Tavares Bastos, cavalheiros e amigos.

Ficamos mais pobres no Brasil, sem a presença de Graciano. Que êle volte mais rico da França e da Itália; não rico do dinheiro que suas mãos enormes nunca souberam juntar, mas das velhas emoções de beleza dêsse povos eternos para enriquecer a densa humanidade de brasileiro do interior que e grandeza e a força de Clóvis Graciano.

19.5.49